

in NICO, B. & LINO, M. (1999). "Escola Comunitária de São Miguel de Machede: quando ainda é possível encontrar-se a essência da educação". Albano Estrela & Júlia Ferreira (Orgs.). *Educação e Política – Atas do II Congresso Internacional da AFIRSE/AIPELF*. Lisboa: Universidade de Lisboa. pp. 206-210.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DA AIPELF/AFIRSE

Escola comunitária de S. Miguel de Machede: quando ainda é possível encontrar-se a essência da educação

José Bravo NICO* & M. Gerturdes LINO**

1 Começando...

S. Miguel de Machede é uma freguesia rural do concelho de Évora que tem, actualmente, cerca de um milhar de habitantes. Os micalenses, cada vez mais idosos, apresentam uma baixa taxa de escolarização formal, hábitos de leitura quase inexistentes e uma relação infiel com a educação, qualquer que seja a modalidade. É neste, infelizmente vulgar, contexto alentejano, que nasce, em Março de 1998, uma **Escola Comunitária**. Entendida e vivida como espaço e tempo de aprendizagem informal, descontraída e lúdica, a **Escola Comunitária da SUÃO — Associação de Desenvolvimento Comunitário**, tem desenvolvido actividades com conteúdo educativo que vão desde a alfabetização de adultos (onde se aplica o método de Paulo FREIRE, devidamente contextualizado) até às visitas de estudo, não esquecendo as palestras, onde se fala de tudo, ou quase tudo.

O contexto físico e humano e a tradição social apontavam, eventualmente, para o fracasso da iniciativa. No entanto, seis meses após o início das suas actividades, a **Escola Comunitária de S. Miguel de Machede** é um sucesso. Os mais novos frequentam-na com o mesmo prazer que os mais velhos. As senhoras trocam, de bom grado, uma tarde de renda ou um episódio da telenovela, pelo visionamento de um diaporama sobre Coimbra ou pela assistência a uma peça de teatro levada à cena pelos mais jovens. Os homens interrompem o diálogo domingueiro com o vinho, para irem escutar algo sobre o ambiente. Os professores universitários têm prazer em falar para o povo. O povo gosta de saber coisas que não sabia.

É esta pequena história sobre a educação comunitária que vos iremos tentar descrever nas linhas que se seguem. No entanto, avisamos desde já que vai ser difícil

* Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e SUÃO - Associação de Desenvolvimento Comunitário.

** SUÃO - Associação de Desenvolvimento Comunitário.

retratarmos tudo o que se tem passado na nossa vila. É que há sentimentos que só se compreendem verdadeiramente quando os vivemos.

2 A origem da coisa...

O quotidiano de uma comunidade rural como a de S. Miguel de Machede tem muito pouco de atractivo, não só para as gerações mais jovens, mas também para os mais idosos. O tempo vai-se escoando, numa lenta sucessão dos dias e das horas, sem que se tenham grandes problemas com a sua falta. Aliás, se há coisa que existe, com relativa abundância, em S. Miguel de Machede, é o tempo. Nunca se consegue sentir a falta dele. O problema é descobrir como o passar. Por vezes, zangamo-nos tanto com o passar do tempo que, como refere RAMOS (1997: 85), ficamos impacientes, angustiados e envergonhados, quando somos surpreendidos a «matá-lo» de qualquer maneira pouco dignificante.

As gerações mais idosas, actualmente mais despreocupadas com a sua sobrevivência, revisitam, constantemente, o passado, numa trajectória pendular que é diária e quase constante. Os mais novos, esses tentam adivinhar o que será o amanhã das suas vidas: o primeiro emprego, o primeiro namoro, o próximo Verão e os seus arraiais, o jogo de futebol do próximo domingo.

A escola aparece, neste contexto, como uma variável exterior à própria vida. No que respeita aos mais idosos porque, na esmagadora maioria dos casos, nunca a frequentaram. Relativamente aos mais novos, porque não há forma de se verem livre dela para começarem a "construir" a sua vida.

A educação a que se acedeu foi aquela que a família, os amigos e a comunidade proporcionaram. Poucos são aqueles que levaram os seus estudos até ao final do ensino secundário. Raros são os que se aventuraram no ensino superior. Em cerca de um milhar de habitantes há um mestre, meia dúzia de licenciados e outra meia dúzia que frequenta o ensino superior. Há cinco décadas, quando a população era o dobro da actual, não havia um único licenciado. O balanço é profundamente negativo.

Num estudo recentemente apresentado (BARBOSA, 1997) refere-se que, aproximadamente, 30% dos micaelenses não conseguem ler ou escrever. Um dado que, no contexto alentejano, não será, infelizmente, extraordinário. No entanto, mais preocupante será o facto de 15% dos inquiridos revelarem ao entrevistador nada fazerem nos seus tempos livres e 20% referirem que o principal problema da sua vila é a ausência de futuro. Assim, sem mais nem menos: não há futuro!

É como se as vidas destas pessoas fosse, de repente, amputada de uma das suas mais importantes dimensões: o futuro. E o futuro não é uma coisa qualquer. É lá que moram os nossos projectos, as nossas esperanças e, principalmente, os nossos sonhos. Quando alguém afirma que não consegue ver o futuro é como se afirmasse que tem dificuldade em construir os seus projectos e em alimentar as suas esperanças. É como se

desistisse de sonhar. E viver sem sonhos, daqueles que se sonham quando estamos acordados, não é, definitivamente, a melhor forma de se passar por este tempo e por este espaço que é a vida.

Ao pensarmos desta forma acerca da nossa própria realidade, ficámos profundamente inquietos. Os nossos familiares, os nossos amigos, os nossos vizinhos, a nossa comunidade, a nossa vila (que é a terra mais importante do mundo) têm de ter futuro. Não só temos o direito a sonhar, como, pensamos cá, neste cantinho do Alentejo, temos o dever de sonhar. Principalmente, quando estamos acordados!

3 O cerne da mudança...

Em Janeiro de 1998 ocorre um encontro de micaelenses com um único ponto na ordem de trabalhos: *o que fazer para evitar a morte da terra onde vivemos?* Uma questão com implicações profundamente políticas. Daquela política verdadeira. A que tem a ver com a nossa vida e com a nossa identidade pessoal e colectiva.

A solução esboçada saiu sob a forma de um grande desígnio: só teremos futuro, como comunidade, se, primeiramente e no presente, conseguirmos gostar de viver em S. Miguel de Machede. Uma autêntica utopia. Própria da mais nobre tradição poética alentejana. Como contrariar o destino? Como resistir à adversidade? Como conseguir promover a auto-estima de uma população envelhecida, pobre e resignada?

Era como se quiséssemos fazer verdejar uma horta por onde o Suão tivesse passeado, em Agosto. Uma missão quase impossível! Quase?

Foi assim que nasceu o nome do projecto: SUÃO. Porquê? Para que pudéssemos sentir que o destino, por muito adverso que seja, pode ser, por vezes, contrariado. Por vezes, o futuro também é a consequência das nossas vontades e dos nossos comportamentos. É uma questão de atitude. Estava pois, identificada a variável que era fundamental trabalhar na nossa terra: a ATTITUDE. Face à vida, aos outros e, fundamentalmente, face a nós próprios.

Se a finalidade da empresa estava identificada e se a variável a trabalhar estava isolada, restava-nos ainda uma incógnita: qual a estratégia a seguir? A resposta era óbvia. Só se mudam as atitudes através da educação. Não da educação escolarizada, obrigatória, de memória repressora e responsável pela selecção que ditou o nosso desenvolvimento, mas sim da outra educação. Aquela que é mais aprender que ensinar; a que nos leva a descobrir o encanto dos saberes; a que nos revela o mistério das outras paragens e das outras pessoas; a que nos leva a encontrar o prazer de ficarmos diferentes; a que nos faz sentir saudades do que não sabemos ainda; a que nos faz sentir felizes.

É aqui que nasce a ideia de criarmos uma escola comunitária. Para aprendermos uns com os outros. Para aprendermos a viver uns com os outros. Para aprendermos a acreditar nas nossas potencialidades. Para aprendermos a ser felizes, na nossa vila, com

a nossa família, os nossos amigos e os nossos vizinhos. Para aprendermos que existe um mundo para lá do horizonte da planície que nos cerca. Para aprendermos a conhecer outras pessoas e outras formas de viver. Para aprendermos que o tempo das nossas vidas é precioso demais para se “matar” de qualquer forma. Para aprendermos a ter mais saudades do futuro que do passado.

4 A mudança, na prática...

Tudo começou pela forma mais sedutora possível, para todos aqueles, para quem o mundo é profundamente diferente: os que não sabem ler nem escrever. Organizou-se um curso de “alfabetização de adultos”, no qual Paulo FREIRE foi, não só o nosso guia metodológico, como também axiológico. De facto, para um adulto com uma vida vivida sem estas capacidades de comunicar, a aprendizagem da leitura e da escrita é qualquer coisa de extraordinário. É a aquisição de uma liberdade e de um prazer até aí negados. É entrar num mundo desconhecido. É sentir-se mais próximo do presente. É ter a possibilidade de ter projectos melhorados para o seu futuro.

Outras das actividades desenvolvidas com extraordinário sucesso são as “visitas de estudo”. Se existem coisas que os micalenses adoram, uma delas é passear. Sair da nossa vila e ir, pela estrada, a descobrir mundo. Um autocarro, muita música e muito mais comida é quanto bastava para que qualquer “excursão” fosse um sucesso. Muitas vezes não importava muito onde se ia, nem o que se ia ver. A Escola Comunitária entra aqui, como quem não quer a coisa... Somos nós quem organizamos a viagem. Depois de escolhido o destino, os jovens entram em acção. Estes, após contactos com os serviços de turismo necessários e de uma viagem exploratória, elaboram um pequeno diaporama ou filme que mostre, antecipadamente e a toda a população, aquilo que se vai visitar. Depois é a viagem guiada pelos jovens. Canta-se a Rama, no autocarro, comem-se os bolos de bacalhau, bebe-se o tinto do Redondo e, como quem não quer a coisa, também se aprende. Fica-se mais conhecedor e mais esclarecido no final da actividade. É também mais bem disposto!

O Jornal Comunitário *Menino da Bica* nasce em Abril de 1998. Elaborado principalmente pelos jovens, é distribuído, trimestral e gratuitamente, por toda a população. Criam-se hábitos de leitura e, principalmente, a necessidade de se saber ler. Afinal de contas, são as notícias da própria terra.

A cultura da nossa comunidade tem uma tradição profundamente oral. Não só os micalenses não se relacionam muito com a leitura e com a escrita, como sempre deu muito mais prazer uma boa conversa. À noite, no Inverno, junto à lareira. À fresca, no Verão, sentados nos portados das suas portas. Nas tabernas, aos domingos e feriados. Com o aparecimento da televisão, houve alguns hábitos que se alteraram, mas, no fundamental, estes continuam a perdurar. A cultura é falada e ouvida. É assim que nasce um grupo de teatro e um grupo de cante tradicional alentejano. É a tentativa de, através das palavras dramatizadas e dos sentimentos que os sons do cante alentejano constroem, promover a mudança da tal atitude de que vos falámos há pouco.

5 E agora...

Os próximos projectos consistem na criação de um Museu e de uma Biblioteca Comunitários. O objectivo é sempre o mesmo: fazer com que o tempo se ocupe de forma agradável. Aprendendo novos saberes e aprendendo novos fazeres, para que possamos aprender uma nova maneira de sermos: mais confiantes em nós próprios, mais virados para o futuro e mais decididos a ter uma palavrita no nosso destino.

Não escolhemos onde nascemos. Fomos alentejanos e micalenses por mero sortilégio do acaso. No entanto, fazemos questão em escolher S. Miguel de Machede como a nossa casa, para o nosso futuro. E se há coisa que nós somos é teimosos! Portanto...

Referências Bibliográficas

BARBOSA, F. (1997). *Levantamento de factores de analfabetismo na vila de S. Miguel de Machede*. Évora: Universidade de Évora, trabalho final de curso apresentado no âmbito do Curso de Estudos Superiores Especializados em Administração Escolar (policopiado).

RAMOS, F. (1997). *Os proprietários da sombra*. Lisboa: Universidade Aberta.

RESUMO

S. Miguel de Machede é uma freguesia rural do Concelho de Évora, que tem, actualmente, um milhar de habitantes. A população, cada vez mais idosa, apresenta uma baixa taxa de escolarização formal, hábitos de leitura quase inexistentes e uma relação infiel com a educação, qualquer que seja a modalidade.

É neste, tristemente vulgar, contexto alentejano, que nasce, em 1998, uma Escola Comunitária. Entendida e vivida como espaço e tempo de aprendizagem informal, descontraída e lúdica, a Escola Comunitária da SUAÓ - Associação de Desenvolvimento Comunitário - tem desenvolvido actividades com conteúdo educativo que vão desde a alfabetização de adultos (aplicando o método de Paulo Freire, devidamente contextualizado) até às visitas de estudo, não esquecendo as palestras, onde se fala de tudo, ou quase tudo.

O contexto físico e humano e a tradição social apontavam, evidentemente, para o eventual fracasso da iniciativa. No entanto, a Escola Comunitária é um sucesso! Os mais novos frequentam-na com o mesmo prazer que os mais velhos. As senhoras trocam, de bom grado, uma tarde de renda, pelo visionamento de um diaporama. Os homens interrompem o diálogo domingueiro com o vinho, para irem escutar algo sobre o ambiente. Os professores universitários têm prazer em falar para o povo. O povo gosta de saber coisas que não sabia.

Será tudo isto uma das formas que a essência da Educação assume?